

ACBJ-BA - ASSOCIAÇÃO CULTURAL
BRASIL JAPÃO DO ESTADO DA BAHIA

Fundada em 15 de Outubro de 1986

Rua. Biguá, 201 1º andar
Bonfim - Salvador - Bahia
CEP: 44.026-420

Tel./Fax (71) 3336-5349 / 3336-1069
E-mail: ogvalda@gmail.com
Site: www.acbj-ba.com

Estatuto Registrado no Cartório do
Registro Civil de Pessoas Jurídicas
1º Ofício Nº 01758

CNPJ – 15.236.532./0001-08

Reconhecida de utilidade Pública pela
Lei Nº 6715 de 05/01/1995

Distinguida com o título de Honra ao
Mérito pelo governo japonês
em 10/08/1995

Agraciada com a Ordem do Mérito
Kasato Maru - 15 de agosto de 2008

DIRETORIA:

Presidente:
Ogvalda Devay de Sousa Tórres

Vice-Presidente:
Deodato Guimarães Santos

Tesoureiro:
Emanoel Ferreira Martins Filho

1º Secretária:
Isangela Gote Kawano (LIKA)

2º Secretário:
Ahyllton da Rocha Teixeira

Diretor Cultural:
Emilton Moreira Rosa

Diretora Social:
Fusako Ishikawa Lariu

CONSELHO DELIBERATIVO:

Presidente:
Erika Sato

Vice-Presidente:
Gildemar Carneiro dos Santos

Secretário:
Ricardo Almeida Mota Ribeiro

Demais Membros:
Maria Angela Ornelas de Almeida

Loanyr Costa de Oliveira

Izabel Ceres de Araújo Rosa

João Eurico Matta

Suplentes:
Shai Sato

Joselito Falcão Amorim

Marcos Tsuneo Shimizu

CONSELHO FISCAL:

Odecil Costa Oliveira

Paulo Barreto Tórres

Alexsandro Aguiar

Suplentes:
Helena Costa Oliveira

Monica Maria da Costa Oliveira

Arlete Amorim

EDITORES:

Ogvalda torres e Deobato Santos

EDITORAÇÃO:

Edinice Santos Pereira

Email: edinice.pereira@hotmail.com

SOCIAIS

ANIVERSARIANTES:

JANEIRO:

04 - ERIKA SATO - Presidente do Conselho Deliberativo

28 - GILDEMAR CARNEIRO DOS SANTOS - Vice-Presidente do Conselho Deliberativo

FEVEREIRO:

10 - EMANOEL FERREIRA MARTINAS FILHO - 1º Tesoureiro

16 - MÔNICA OLIVEIRA - Suplente do Conselho Fiscal

16 - ISABEL CERES DE ARAÚJO ROSA - Membro do Conselho Deliberativo

22 - RAFAEL DEWAY DE FREITAS - Neto da Presidente

23 - LOANYR COSTA DE OLIVEIRA - Membro do Conselho Deliberativo

27 - ISANGELA GOTE KAWANO (LIKA) - 1ª Secretária

MARÇO:

8 - OGVALDA DEWAY DE SOUSA TÔRRES - Presidente

HOMENAGENS:

08 DE MARÇO

Dia de quem é mãe, filha, dona de casa e profissional ao mesmo tempo. E mesmo sendo várias, consegue ser única em cada coisa que faz.

Dia de quem é carinhosa e firme, compenetrada e apaixonada, forte e delicada. Que faz sentimentos tão extremos conviverem em harmonia.

Dia de quem lutou pela igualdade, lutou pelos seus direitos, lutou pela independência. E mesmo com tanta luta, ainda é chamada de sexo frágil.

Dia de quem chega cada dia mais longe porque não se incomoda de pedir informação. Seja para encontrar uma rua ou para se tornar uma profissional mais atualizada.

Dia de quem dá vida para quem não existia. E sentido para a vida de quem já existe. Dia de quem mostra que beleza, competência e força não são palavras femininas por acaso. Homenagem da ACBJ-BA a todas as mulheres.

NOTA

Ao tempo em que a edição deste boletim está sendo finalizada a Assembléia Geral ordinária da ACBJ-BA elege diretores, conselheiros e seus suplentes. A Diretoria eleita envidará esforços para angariar associados jovens visando ampliar suas finalidades e atividades consentâneas com a modernidade.

CURIOSIDADE:

KOTO

O Koto é um instrumento musical japonês desconhecido na Bahia, até o mês de setembro de 1994. Nos dias atuais é tão popular no Japão, como o piano ou violino. O koto moderno tem treze cordas que podem ser de seda ou nylon. As cordas são afinadas através de trastes móveis, que permitem a mudança de afinação durante a execução da música. A caixa de ressonância assemelha-se a uma barca. Sendo uma peça leve foi possível na data citada levá-lo e exibi-lo aos presentes à audição desse curioso instrumento quando da audição da jovem Satoko Takagi em evento promovido pela ACBJ-BA no Salão Nobre da Reitoria da Universidade Federal da Bahia.

MENSAGEM:

«Faça o melhor que puder. Seja o melhor que puder. O resultado virá na mesma proporção de seu esforço.»

Autor desconhecido



EDITORIAL

Com orgulho e prazer subscrevo esta mensagem. Orgulho, por ter sido favorecida com um estágio no Japão sob os auspícios do governo japonês e ao meu retorno querer, de alguma forma retribuir esse favorecimento, juntando-me a outros favorecidos para através de uma entidade, divulgar a beleza, a cultura, a sensibilidade, o amor á natureza , enfim tudo o que há de nobre e belo no viver do povo japonês e assim foi fundada a Associação Cultural Brasil-Japão do Estado da Bahia. Prazer por neste 31º ano de existência poder constatar sua vitoriosa caminhada, suas realizações e a certeza de que com, dentro em breve, novos e jovens dirigentes estes darão continuidade as atividades culturais, artísticas e quiçá esportivas e tecnológicas de forma a ampliar mais ainda a relevância da Associação nestas áreas.

Presidente. Ogvalda Devay d'Sousa Torres

UM CASAL AMERICANO EM TOQUIO

Charlene Kasian, após realizar o sonho que acalentava há décadas viajou com o marido para o Japão e descreve o que foi para eles um dia em Tóquio, na edição de 19 de janeiro de 2017 do Semanário San Diego Reader. Como ela admite, andar é o melhor meio de conhecer qualquer cidade e Tóquio não foge de sua regra. O Google aconselha utilizar o metrô. Para a estação do metrô foram apesar de saberem da superlotação e do empurra-empurra. Realmente a plataforma estava superlotada, mas nada de empurra-empurra no embarque apesar de ser hora do rush. O Hotel reservado se situava próximo a estação Shimbashi, a pouca distancia de tudo o que queriam ver e desejavam visitar em especial o Palácio Imperial, o luxuoso centro Ginza e os parques e jardins nos arredores da Bahia de Tóquio. Em uma fria cinzenta manhã de outubro decidiram ir bem cedo ao Mercado Tsukiji. Mesmo assim chegaram tarde não podendo participar do leilão de atuns. Visitaram outros pontos de venda fora do Mercado até a hora em que o mercado de peixes seria aberto. Este mercado tinha os solos molhados, peixes escorregadios, machados de açougueiro, sangue e um pequeno veículo circulando, porem, permitindo a livre caminhada dos visitantes. Do lado de fora uma pequena barraca servia sushi o casal entrou na fila e experimentou o mais fresco sushi jamais experimentado. Tendo mais ou menos qual a direção que tomariam para ir até o Palácio Imperial, divisando uma enormidade de sinais iniciaram pelo sinal que indicava Você Está Aqui. Uma gentil Japonesa, trajando um escuro uniforme vendo o casal consultando o mapa perguntou se estavam perdidos e se podia ajudar, apesar de estar ela em seu caminho para o trabalho. Tomaram a direção indicada e logo avistaram os altos artisticamente podados pinheiros mais parecendo enormes bonsais e o clássico Palácio Imperial da Era Edo. Tóquio é uma cidade totalmente urbana, muitas vezes transeuntes sentem estar atravessando vales entre montanhas de concreto, aço e vidro. Contudo oásis existem não muito afastados desse emaranhado como o Parque Yoyogi herança para a moderna Tóquio dos Imperadores e Xoguns do passado.



UMA AVE GRACIOSA NOS JARDINS DO PALACIO IMPERIAL JAPONES

A visita aos jardins externos do Palácio Imperial Japonês começa com um exército de pequenos pinheiros cultivados com a técnica do Bonsai, são centenas deles, um mais belo que o outro. Ao lado desse enorme canteiro de bonsais, há dois lagos repletos de Cisnes. A história do cisne e o cisne na história é objeto de vasta literatura, como também inspirou vários compositores, Thaikowsky, O Lago do Ciste, Saint Saens A suíte O Carnaval dos Animais cujo décimo terceiro movimento é O Cisne, e Vila Lobos , O Cisne Negro no mesmo estilo de Saint-Saens. Este compositor, não permitiu que sua obra fosse apresentada em vida. A engenhosa suíte foi composta em 1886, para dois pianos e orquestra. Consta de 14 movimentos, como foi dito. 1- Introdução e Marcha Real do Leão 2- Galinhas e galos 3- Mulas 4- - Tartarugas 5- O Elefante 6- Cangurus 7 - Aquário - Personagens de orelhas compridas 9-O cuco 10- Pássaros 11-Pianistas (inspirada em pianistas iniciantes que incomodavam Saint Saens, e que era, segundo o compositor, 'verdadeiros animais'. 2- Fósseis 13- - O Cisne e 14 – Final.. A pedido da famosa, se não a maior bailarina de todos os tempos, Anna Pavlova o coreógrafo também russo como ela Mikhail Fokine em 1905 ano em que foi estreado criou o bailado, que por muito tempo permaneceu com o nome original somente O Cisne. Registre-se que Anna Pavlova apresentou O Cisne mais de quatro mi vezes. Anos mais tarde o curto bailado solo, tendo como fundo musical o solo de violoncelo acompanhado de piano passou a ter o nome de A MORTE DO CISNE, visto que a coreografia descreve a agonia de um cisne ferido de morte, A bailarina se apresenta toda vestida de branco. Nosso compositor Maior Heitor Vila Lobos escreveu uma peça no mesmo estilo também para violoncelo e piano e a bailarina traja uma calça comprida preta.



.Deodato Guimarães Santos

MINHA PRIMEIRA VIAGEM AO JAPÃO

Aconteceu em 1986. Resultou de uma oportunidade oferecida pela JICA (Japanese International Cooperation Agency) para países em desenvolvimento que desejassem enviar bolsista para Seminário, com duração de quatro semanas, sobre “Parasitoses transmitidas pelo solo”. O candidato deveria apresentar um perfil, atendendo a vários itens, dentre os quais:

- proficiência em inglês
- ser ligado ao governo
- trabalhar com comunidade
- limite de idade mínima e máxima, das quais não me recordo, mas em que me encaixava.
- apresentar carta de recomendação do trabalho a que fosse vinculado.

Eu tinha dois empregos públicos, um, como médica do Estado (Bahia), vinculada, pois, ao Governo do Estado da Bahia, outro, como Professora Universitária na Universidade Federal da Bahia vinculado ao Ministério de Educação do Brasil, governo federal.

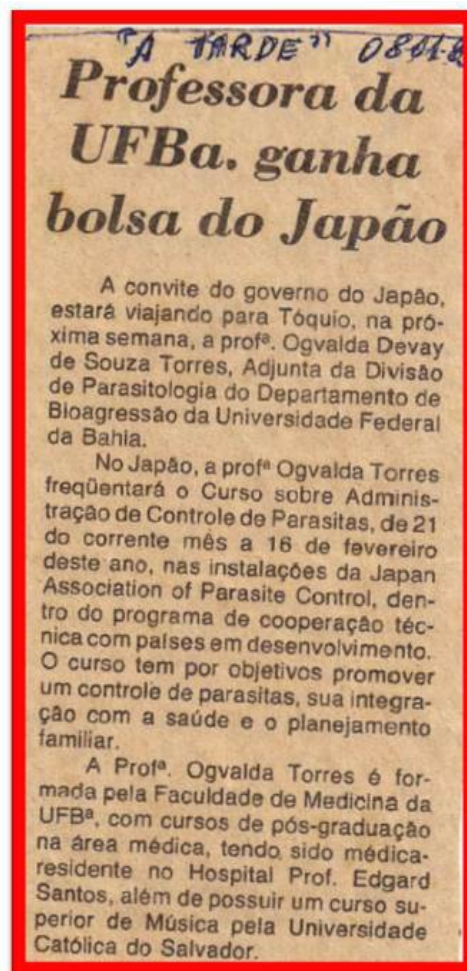
Encarei como uma oferta impossível para mim, imaginei um número grande de interessados pleiteando, e não ia me candidatar. No entanto, no Departamento a que estava ligada, em que tinha cargo de Professor Adjunto, outro docente Professor Assistente interessou-se em se inscrever, o que, de certa forma, me estimulou, e resolvi concorrer. A carta de recomendação foi elaborada por Dr. Jutorib de Lima, Chefe de Departamento de Ciências da Bio-Agressão, a que a disciplina Parasitologia, da qual eu era docente, estava ligada. O teste de proficiência em inglês, fiz no ACBEU onde já havia estudado, de onde, como aluna, fui indicada para guiar turistas quando Salvador recebeu o Cardeal Spellmann. Fui aprovada. A Reitora da UFBA, Profa. Dra. Eliane Elisa da Silva e Azevedo na época, desejou que fosse uma candidata da UFBA a classificada, bem como o Presidente do CNPq, Dr. José Duarte, baiano, que tivesse a oportunidade uma candidata de seu estado, a Bahia.

No dia 24 de dezembro, recolhendo a correspondência na caixa coletora do correio, havia um verdadeiro presente de Natal! Fora eu selecionada para frequentar o Seminário sobre “Parasitoses Transmitidas pelo Solo” no Japão, a expensas do governo japonês. Acompanhava uma clara orientação de como devia proceder: preparar um “Country Report” dentro do tema, informando sobre o Brasil, quando deveria estar no Japão, que não deveria ir acompanhada de familiar, que clima iria encontrar, quem me receberia no aeroporto, a que horas e onde, enfim, uma organização tipicamente japonesa a que o brasileiro não está habituado.

Minha primeira reação foi de grande surpresa, muita felicidade e curiosidade sobre quem iria do Brasil além de mim. Buscando, ansiosamente, essa informação, ninguém mais. Então senti a responsabilidade.

A UFBA mantinha um setor de divulgação e jornalismo pelo qual fui procurada para entrevista. Deveria ser publicada essa notícia, pois não era comum acontecer no nordeste do Brasil, na época. Não concordei em ser fotografada.

A notícia no jornal local despertou a curiosidade do Sr. Pedro



recomendendo-me procurá-lo.

Logo procurei uma autoridade científica na Bahia, Dr. Zilton Andrade, orientador da minha tese de Mestrado, para que me aconselhasse na escolha do tema que deveria preparar, pois era necessário levar um “Country Report” com nível de representante do meu país. Ele me aconselhou “Esquistossomose mansônica” explicou-me quanto seria interessante para o Japão, e que procurasse o Dr. Aloísio Prata, Reitor na Universidade Federal em Brasília, para me dar suporte. O tempo era escasso, em pleno período de fim de ano, o Dr. Prata se dispôs de muito bom grado, a me receber, aconselhou que chegasse logo, no primeiro dia útil de janeiro, e imediatamente procurei voo para Brasília, não encontrando. Resolvi viajar de ônibus no dia 1º de janeiro, e fui muito bem recebida por Dr. Prata que ordenou aos funcionários e vigilantes da Universidade que me dessem acesso e apoio na Biblioteca da área de saúde a qualquer hora e dia necessário à minha pesquisa. contei, ainda, com a hospitalidade amiga da Família Barreto (Sr. Delano e Sra Maria José Barreto e os filhos, Delano, Delane e Denne) que me hospedou em Brasília.

De volta à Bahia, era hora de preparar a redação, impressa com o número de cópias recomendado, e outros apoios amigos encontrei em Salvador: a gráfica da Fundação Oswaldo Cruz, através da bibliotecária, Profa. Eurídice Santana, e o Empresário amigo, Prof. Deodato Guimarães Santos, violinista, meu colega de orquestra, que disponibilizou sua Secretária bilingue, Sra. Lisione Gonçalves de

Batista, profissional em outra área que havia sido contemplado com oportunidade semelhante na Empresa onde trabalhava de fazer uma bolsa para estágio no Japão, também pela JICA. Procurou-me, deu-me importantes informações sobre o que levar: cartão de visita em inglês que eu trocava muito, no Japão, um hábito durante apresentação de pessoas. Lembrancinhas da Bahia para oferecer. Falou-me da cerimônia de encerramento do curso o que me fez decidir levar o traje de baiana que eu possuía e costumava usar nas convenções de Lions Clube representando, no desfile, a Bahia. Levei, também, o endereço de amigo japonês que o Sr. Pedro deixou no Japão,

Carvalho, para datilografar e formatar todo meu material. Não era época de computador, tudo era elaborado na máquina de escrever e, para projeção, em transparências.

Faltava o visto para o Japão, conseguido em Consulado Japonês. Como o voo para o Japão, pela Japan Aerolines, partia do Rio de Janeiro (via Canadá), preferi conseguir nesse estado. Outra vez recebi gentil atenção de amigos, o casal Sr. Franz e a geóloga Marília Regali que me hospedaram e facilitaram a troca das malas para o tamanho permitido em viagens internacionais.



Hora do embarque. Tudo organizado, horário previsto cumprido, primeiro impacto, nunca havia estado em aeronave tão grande e confortável. Não notava passageiros com aspecto de brasileiro, nem de europeu. Tripulação predominantemente japonesa ou nipodescendente. Iniciado o voo, os passageiros receberam material para higiene e conforto, como “tapa-olhos” para o repouso do sono, kit para higiene bucal, chinelo confortável... E foi servida a refeição! Tão farte e de qualidade, e quando imaginei que os pratos seriam recolhidos, tratava-se, na realidade, da entrada, e outros pratos seriam servidos.

Chegamos a Los Angeles. Em sala especial do aeroporto os passageiros com destino ao Japão aguardaram, confortavelmente, a continuação do voo.

Continuando até ao Japão, desembarcando em Tokyo, no aeroporto de Narita, no painel eletrônico havia indicação sobre para onde me dirigir, e, no balcão indicado estava o emissário que me transportaria para o Hotel.



No Hotel Internacional Diamon, após o “chek-in”, havia toda a instrução sobre o horário em que os participantes dos diversos países seriam reunidos para as primeiras informações sobre o Japão, o povo japonês, o sistema de transporte, como seria o primeiro dia do curso, em que horário estaria a Coordenadora, Mrs. Oshima, a nossa espera, no hall do Hotel, para nos acompanhar até o local onde o Seminário

aconteceria, sobre o sistema bancário. Logo recebemos orientação como obter o cartão magnético para movimentar a conta bancária que seria aberta para cada participante. No Brasil ainda não havia o sistema de cartão magnético bancário.

Éramos oito bolsistas estrangeiros, somente um sul americano, do Paraguai. Os demais provenientes das Filipinas, África Central, Egito, Indonésia e Iraque, todos Senhores, na maioria médicos sendo eu a única mulher.

E as peculiaridades do Japão foram sendo notadas. No apartamento estava o chinelo japonês e o kimono à minha disposição. A água da torneira era tratada de modo a ser consumida com toda segurança. Que diferença para o Brasil!

Data de início do Seminário, Mrs. Sonoko Oshima no hall do Hotel reuniu os bolsistas para acompanhá-los ao destino, o Tokyo International Center, onde ficam hospedados estrangeiros que frequentam cursos suportados pelo Sistema de Cooperação Técnica em diversas áreas. Apresentou o Restaurante “TIC”, abriu conta no Mitsubishi Bank para todos, recebemos o cartão magnético ainda desconhecido no Brasil, todos receberam a quantia destinada às despesas, não faltando as moedas necessárias para o transporte, o sistema de “subway”.

Na abertura do Seminário, meio solene, houve a apresentação oficial de cada um dos participantes, bolsistas e mestres. Muito interessante o respeito diplomático aos bolsistas, a ordem de localização na mesa de trabalhos, com a bandeira do seu país à frente e, em inglês, por ordem alfabética.



Desse modo, o primeiro lugar do BRAZIL, seguido de CENTRALAFRICA, e assim por diante.

E assim teve início a experiência científica que me despertou para a responsabilidade que deveria exercer no Brasil, quando retornasse, e que continuarei relatando na próxima edição do Jornal da ACBJ-Ba, informando que já a deixei registrada, mais resumidamente, em AS MÚLTIPLAS FACES DO JAPÃO, *Depoimentos (15 anos da Associação Cultural Brasil-Japão da Bahia)*, organizado pelo ex-bolsista do Japão na área de *Maritime Search and Rescue Operation and Maritime Disaster Prevention*, em 2004, Prof. Dr. Sergio Fraga Santos Faria.